



DOI: 10.20911/25260782v11n3p36/2026

Quando criar é dizer sim à vida: A semelhança do ato criador na filosofia de Nietzsche e Lou Salomé

Gabriela Borges Casé de Vasconcelos^{1*}

RESUMO: O presente trabalho tem por principal objetivo investigar em que medida o ato criador, tanto na filosofia de Friedrich Nietzsche quanto na de Lou Andreas-Salomé, resulta de forma semelhante na afirmação da vida. A hipótese central é que, embora suas concepções não coincidam nos detalhes, ambos os pensadores entendem a criação como um gesto afirmativo frente ao caráter inexorável da existência. Para isso, o estudo adota uma metodologia explicativa com delineamento bibliográfico, centrando-se na análise de dois textos principais: o capítulo “Da redenção”, de *Assim Falou Zarathustra*, de Nietzsche, e o capítulo “A experiência do amor”, da obra *Minha Vida*, de Lou Salomé. Na filosofia nietzschiana, a criação se vincula à vontade de potência, como possibilidade de transvaloração dos valores e reconciliação com o tempo e o devir — ideia expressa na superação do ressentimento e na afirmação do eterno retorno. Já para Lou Salomé, a criação se relaciona ao acolhimento poético do real: a vida, em sua força impositiva, é transcrita pelo sujeito em forma criadora, mesmo diante da dor. Em ambos os casos, a criação surge como resposta à fatalidade da existência, sendo uma via de afirmação incondicional da vida. Conclui-se, portanto, que há uma forte convergência na função filosófica da criação em ambos os autores: trata-se do ato que permite dizer “sim” à vida, transformando o inevitável em potência expressiva e afirmativa.

PALAVRAS-CHAVE: afirmação da vida criação; fatalidade; ímpeto do acontecimento; vontade de potência.

ABSTRACT: The present work aims to investigate to what extent the act of creation, both in the philosophy of Friedrich Nietzsche and in that of Lou Andreas-Salomé, results in a similar affirmation of life. The central hypothesis is that, although their conceptions do not align in detail, both thinkers understand creation as an affirmative gesture in the face of the inexorable nature of existence. To this end, the study adopts an explanatory methodology with a bibliographical design, focusing on the analysis of two main texts: the chapter ‘On Redemption’ from *Thus Spoke Zarathustra* by Nietzsche, and the chapter ‘The Experience of Love’ from the work *My Life* by Lou Salomé. In Nietzsche’s philosophy, creation is linked to the will to power, as a possibility for the transvaluation of values and reconciliation with time and becoming — an idea expressed in the overcoming of resentment and the affirmation of eternal recurrence. For Lou Salomé, creation is connected to the poetic embrace of reality: life, in its imposing force, is transcribed by the subject into a creative form, even in the face of pain. In both cases, creation arises as a response to the fatality of existence, serving as an unconditional way to affirm life. It is concluded, therefore, that there is a strong convergence in the philosophical role of creation in both authors: it is the act that allows one to say ‘yes’ to life, transforming the inevitable into expressive and affirmative potential.

KEYWORDS: affirmation of life; creation; fatality. impulse of occurrence; will to power

1 Graduada de Licenciatura em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: matheus.adriano@ufpe.br. Endereço: Avenida Professor Moraes Rego, 1235, Cidade Universitária, Recife - PE
ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-8116-0852>.

INTRODUÇÃO

O objetivo geral do nosso texto é investigar, em que medida, o ato criador – tanto na filosofia de Nietzsche como na de Lou Salomé – resulta de maneira análoga na afirmação da vida. Evidenciando, dessa forma, uma possível semelhança entre o pensamento dos dois filósofos. Esperamos, através desse texto, valorizar e apresentar Lou Salomé enquanto uma filósofa que manteve um diálogo ativo com Nietzsche. Isso pois, a relação entre ela e o filósofo costuma ser abordada, na maioria das vezes, unicamente pelo viés biográfico, sendo assim, Lou Salomé passa a ser conhecida como a “mulher por quem Nietzsche foi apaixonado” e não enquanto uma pensadora intelectual. Em contrapartida a isso, acreditamos que a filósofa manteve um diálogo ativo com Nietzsche e que a relação que existiu entre eles, muito mais que uma amizade íntima foi, sobretudo, uma relação filosófica e de troca conceitual.

Na filosofia de Nietzsche, a criação é um conceito de extrema importância, especialmente em relação ao projeto de transvaloração dos valores. Essa reviravolta moral não se limita à destruição de antigos valores, mas envolve, sobretudo, a criação de novos que afirmam a imanência e o devir. De modo semelhante, a criação também é central na obra de Lou Salomé. Para ela, a vida, em todas as suas dimensões — procriação, filosofia, poesia, arte — é expressão criativa. Essa criação possui um poder plástico, pois cada acontecimento se dá como algo novo, exigindo de nós uma resposta criadora. Assim, carregamos um ventre criador, capaz de transformar dor e sofrimento em um sim à vida.

A partir desse contexto, cabe questionar: seria possível afirmar que, de fato, o tema da criação carrega um significado semelhante na filosofia dos dois autores? Nossa hipótese é que sim, há uma grande semelhança em relação ao papel que o ato criador possui na filosofia de Nietzsche e de Lou Salomé, pois, tanto para um como para o outro, a criação culmina na afirmação da vida. Para Nietzsche a criação resulta no *amor fati* e para Lou resulta em um sim sem ressalvas para a vida em sua totalidade. Para que seja possível a realização desta investigação, iremos: Examinar o capítulo *Da redenção* em *Assim Falou Zaratustra*, em que Nietzsche aborda a respeito da vontade criadora; Analisar o capítulo *A experiência do amor* na obra *Minha Vida*, em que Lou Salomé apresenta a questão da criação em sua filosofia; e, por fim, a partir da verificação dos textos, avaliar a proximidade conceitual presente a respeito do tema da criação nas duas filosofias.

1 A PEDRA DO “FOI”

No capítulo *Da redenção*, na segunda parte de *Assim Falou Zaratustra* (1883), depois de um episódio com aleijados, Zaratustra exclama o quão insuportável seria viver sem ser um “vidente”, um “querente”, um “criador”; e, nesse momento, ele põe em cheque que a vontade, mesmo sendo uma libertadora, ainda é uma prisioneira:

Vontade - eis o nome da libertadora e mensageira da alegria: assim vos ensinei eu, meus amigos! E agora aprendei também isto: a própria vontade é ainda uma prisioneira.

Querer libertar: mas o que se chama o que acorrenta até mesmo o libertador?

“Foi”: assim se chama o ranger de dentes e solitária aflição da vontade.

Impotente quanto ao que foi feito - ela é uma irritada espectadora de tudo que passou. (NIETZSCHE, 2011, pág. 122)

A vontade, mesmo sendo essa mensageira da alegria e do querer, não pode alterar o acontecimento bruto, mover aquilo que ocorreu e, por isso, desenvolve uma grande aversão pelo tempo e o seu ‘foi’: “Aquilo que foi – eis o nome da pedra que ela não pode mover. E assim ela move pedras, por raiva e desalento, e prática vingança naquele que não sente, como ela, raiva e desalento” (NIETZSCHE, 2011, pág. 122) . A impossibilidade da vontade de quebrantar o tempo, de fazer com que ele ande para trás e altere essa pesada pedra imposta do acontecimento, resulta em um espírito vingativo que nega a vida e a transforma em significado de sofrimento, culpa e castigo:

Assim a vontade, a libertadora, converteu-se em causadora de dor: e em tudo que se pode sofrer ela se vinga de não poder voltar para trás. Isto, e apenas isto, é a própria vingança: a aversão da vontade pelo tempo e o seu “Foi”.

Em verdade, uma grande loucura habita em nossa vontade; e tornou-se maldição para tudo o que é humano o fato dessa loucura ter adquirido espírito!

O espírito da vingança: meus amigos, até agora foi essa a melhor reflexão dos homens; e onde havia sofrimento, devia sempre haver castigo.

Pois ‘castigo’ é como a vingança chama a si própria: com uma palavra mentirosa ela finge ter boa consciência.

E, porque no querente mesmo existe sofrimento pelo fato de não poder querer para trás - então o próprio querer e a vida inteira deveriam - ser castigo! (NIETZSCHE, 2011, pág. 123).

Se é irremovível a pedra do ‘foi’, então é irremovível e eterno todo o seu castigo, pois o sofrimento passa a ser visto, necessariamente, enquanto castigo. No entanto, apesar dessa amarra que perturba a vontade, ela também é, apesar de tudo, *criadora* e é a partir da criação que a vontade pode se redimir, lapidando todo o “foi” em “mas assim eu quis”:

Eu vos levei para bem longe dessas cantigas fabulosas, quando vos ensinei que a vontade é criadora.

Todo ‘Foi’ é um pedaço, um enigma, um apavorante acaso - até que a vontade criadora fala: ‘Mas assim eu quero, Assim eu quereirei!’ (NITZSCHE, 2011, pág. 123).

A vontade é, portanto, a sua própria redentora, pois é criadora e assim é capaz de se reconciliar com aquilo que ocorreu necessariamente. Dessa forma, a criação se dá na medida em que todo 'foi' é transformado em 'assim eu quis'; e esse querer se configura enquanto um grande sim à vida, em que o que ocorreu necessariamente é desejado e abraçado em sua completa imanência. Em suma, é a vontade criadora que permite ver como belo o que é necessário nas coisas, ou seja, é com o ato criador que o *amor fati*² passa a ser possível.

Além disso, o ato criador também é o responsável pela maior reconciliação de todas: a reconciliação com o tempo. Tal reconciliação com o tempo, realizada pela vontade criadora, se demonstra em seu "pensamento mais abissal" que é apresentado na própria obra Assim falou Zaratustra: o pensamento do *eterno retorno*. Podemos dizer que a vida moral está intrinsecamente ligada a uma cosmovisão e no caso da civilização ocidental cristã, o tempo é caracterizado por ser linear e transitório, promovendo, em um vida eterna no além, uma sentença de prêmio ou castigo. É se opondo a esse pensamento que Nietzsche propõe a doutrina do eterno do mesmo: ao destruir essa concepção de tempo linear, o filósofo dá luz a ideia de que eternamente rola a roda do ser e cada instante de dor e de prazer eternamente voltará do mesmo modo e na mesma sequência. Provocando, dessa forma, com essa nova cosmovisão que afirma a imanência, uma reviravolta valorativa.

Portanto, é o ato criador que torna possível essa reconciliação com o tempo e com o que ocorreu necessariamente. Como consequência dessa reconciliação, os acontecimentos deixam de ser vistos como castigo ou recompensa, não há mais além, apenas imanência e mesmo os instantes de sofrimento tem de ser desejado, já que eternamente voltarão acontecer. Sendo assim, o ato criador enquanto uma ponte para o futuro³, também destrói, pois é partindo da supressão e da inversão da forma antiga de valorar que cria-se uma nova tábua de valores; e, sendo a tábua de valores a voz da vontade de potência de um povo, essa vontade é afirmativa da vida, pois diz sim ao devir, ao corpo e a imanência.

2 A IMPETUOSIDADE DO ACONTECIMENTO

Lou Salomé possui uma grande parte da sua obra dedicada à questão da criação, em que defende o erotismo como inerentemente ligado ao ato criativo, além de descrever minuciosamente como ocorre a disposição criadora e as suas consumações. Entretanto, o enfoque dado nesse texto será para a dimensão afirmativa que a filósofa aponta como pertencente à criação.

2 Como bem diz Nietzsche (2012): "Quero cada vez mais aprender a ver como belo aquilo que é necessário nas coisas: – assim me tornarei um daqueles que fazem belas as coisas. *Amor fati* [amor ao destino]: seja este, doravante, o meu amor! Não quero fazer guerra ao que é feio. Não quero acusar, não quero nem mesmo acusar os acusadores. Que a minha única negação seja *desviar o olhar!* E, tudo somado e em suma: quero ser, algum dia, apenas alguém que diz Sim!" (NIETZSCHE, 2012, pág. 166)

3 Afirma Nietzsche (2011): "Um vidente, um querente, um criador, um futuro ele próprio e uma ponte para o futuro." (NIETZSCHE, 2011, pág. 122)

Na concepção de Lou Salomé, a vida se dá de maneira impositiva e obrigatória, dissociada de qualquer julgamento ou afirmação valorativa. Sob esse viés, tudo o que existe carrega o ímpeto de simplesmente ser:

Como se nada demandasse justificação, enaltecimento ou depreciação junto à circunstância de sua existência como presença – assim como a importância de algo não poderia ser suprimido nem pelo assassinato nem pelo aniquilamento, sob pena de se lhe negar está última *veneração* diante do ímpeto da sua existência, que ele reparte conosco, porque, como nós, ele “é” (...) Ou em outras palavras, aquilo que “é” carrega sempre em si o ímpeto de sua existência, como se fosse o todo. (SALOMÉ, 1985, p.19)

Em vista disso, a realidade se manifesta enquanto uma exigência. No entanto, é, precisamente, esse fragmento de realidade – no momento que se choca com nossos desejos e sonhos particulares – que incita o poeta a um poema. Para Lou (1985) não trata-se de uma questão de valores, mas sim da necessidade irrefutável que a humanidade tem de adequar-se àquilo pelo que é meramente levada através dos acontecimentos impositivos da vida. Sendo assim, o ato criador se faz nesse encontro entre o ímpeto do acontecimento e nossa individualidade, onde nos deparamos com o real, com o acontecimento fatalmente dado e não escolhido, e o subscrevemos enquanto o “poeta” que somos:

Mas o que há de perturbador no engendramento do ser humano não advém de considerações morais ou banais, mas sim da própria circunstância de sermos arrancados do pessoal e projetados no criatural, **de sermos privados da própria decisão e dispensados dela, justamente no momento mais criador de nossa existência**. Embora um equívoco parecido permeie inevitavelmente todos os nossos atos, já que subscrevemos aquilo que nos é imposto, esses dois elementos se entrecrocaram com extrema evidência naquilo que chamamos de ato criador. (SALOMÉ, 1985, p.25. grifo meu)

Por conseguinte, a vida humana é, em consequência disso, uma obra poética fruto de um ventre criador, em que o ímpeto do acontecimento é transcrito por nós mesmos. A filósofa não se preocupa em descrever o que seria um ato criativo ideal, mas sim afirma a necessidade de “agarrar” o que é a vida e permanecer, do início ao fim, produtivamente nela. Nesse sentido, é com a criação que surge a possibilidade de transformar acontecimentos de sofrimento e dor em uma afirmação da vida. Dizer sim e abraçar a vida sem reservas é, nesse contexto, produto de uma criação:

Não terei, talvez, me expressado de modo demasiadamente conciso, já que me entregava alegre, solícita e sem reservas a tudo o que me esperava na vida? Porque ‘viver’ - isso era algo amado, esperado e abraçado com todas as minhas forças. Mas, precisamente, por isso,

não era algo poderoso, dominante, que pressupunha transigência. Pelo contrário: era algo igual a mim, uma existência inapreensível como eu mesma. (Andreas-Salomé, 1985, p.29).

Não é à toa, que a própria Lou Salomé, em vários momentos de sua obra, transforma a dor em uma grandiosidade que deve ser vivida em seu íntimo, assumindo, assim, uma postura afirmativa frente a vida em sua totalidade.

CONCLUSÃO

Considerando o que foi apresentado, é possível, em última análise, defender que para os dois filósofos o papel da criação se iguala nas suas filosofias por se enquadrar enquanto um ato afirmativo. Nietzsche (2011), no capítulo *Da redenção*, explorou o embate entre o apavorante acaso do “foi” e a vontade criadora que consegue dizer “mas assim eu quis”, promovendo a redenção com o que ocorre necessariamente e com o tempo. De maneira similar, Lou Salomé também apresenta a mesma configuração, em que a exigência da realidade é transcrita em poesia por nós, criadores, provocando a possibilidade da entrega alegre frente à vida, mesmo em sua dor e sofrimento.

Isso é, não significa que o conceito de criação seja estritamente semelhante em seus pormenores para os dois autores, porém, ao nosso ver, os dois colocam a vida enquanto um acontecimento imposto, inegociável e fatalmente dado, em que, igualmente, tanto para um como para o outro, o ato criador é precisamente a maneira pela qual o ser transforma o acontecimento de forma afirmativa, sendo – na linguagem de Nietzsche -- um criador de valores, ou - na linguagem de Lou - um poeta.

REFERÊNCIAS

- ANDREAS-SALOMÉ, Lou. *Minha vida*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. Tradução de Nicolino Simone Neto e Valter Fernandes.
- ASTOR, Dorian. **Lou Andreas-Salomé**. Tradução de Julia da Rosa Simões. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2018. (Coleção L&PM Pocket, v. 1196).
- NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. Tradução de Paulo César de Souza.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Da redenção*. IN: NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. páginas 121- 124
- NIETZSCHE, Friedrich. *Nachgelassene Fragmente (1875–1882)*. Tradução de Manuel Bairros e Jaime Aspiunza. Madri: Grupo Anaya, S.A., 2008.
- MELO NETO, João Evangelista Tude de. **Nietzsche à luz dos antigos: a transvaloração dos valores**. Curitiba: CRV, 2022.

Artigo Submetido em 07/09/2025 e aprovado em 15/09/2025

Breves informações sobre o autor: Graduanda de Licenciatura em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-8116-0852>

E-mail: matheus.adriano@ufpe.br

Endereço: Avenida Professor Moraes Rego, 1235, Cidade Universitária, Recife - PE

Editor: Dr. Geraldo Luiz De Mori

Avaliadores: João Paulo Vilasd Bôas, André Augusto Maia